O PODER POLÍTICO DAS PALAVRAS NA IMPRENSA: BORGES DA FONSECA E A IDEIA DE REPÚBLICA (1829-1831)

Edson José de Meneses Alves[1]
Bruno Augusto Dornelas Câmara[2]

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar os discursos das ideias políticas proferidas pelo publicista Antônio Borges da Fonseca nos seus jornais *Abelha Pernambucana* e *O Republico*. Neles, a ideia de uma república no Brasil é projetada como uma solução aos problemas políticos que o Brasil passava no período. A metodologia do presente trabalho se encontra nos estudos do que chamamos hoje de "Nova História Política", uma história "vista de baixo", que busca apresentar um outro olhar sobre disputas políticas a partir de figuras que não estavam no poder ou que não eram das elites. Quanto ao método, trabalhamos com o modo qualitativo, assim, ao fazer a análise dos dois jornais supracitados, percebeu-se uma difusão de ideais políticas, tais como a própria ideia de república, mencionado anteriormente, bem como termos relacionados: liberdade política, autonomia e federalismo. Neste trabalho contaremos com as menções aos movimentos republicanos de 1817 e 1824 ocorridos em Pernambuco e nas províncias do "Norte". A justificativa está em demonstrar a importância de conhecer o antepassado republicano brasileiro, presenciar como foram os processos articulados até chegar ao objetivo final que era depor a Monarquia e instalar a República. Foi através da imprensa que essas ideias políticas foram se prosperando.

PALAVRAS-CHAVE:I deias políticas no Brasil Império. Pensamento Republicano. Imprensa.

1 INTRODUÇÃO

A imprensa foi o principal palco das discussões políticas do século XIX, sendo ela utilizada por redatores de diferentes posições políticas para proferir suas opiniões, bem como, influenciar outras pessoas e conseguir mais assinantes para seus periódicos. Neste quesito, tratando-se das discussões em torno de uma ideia republicana, a imprensa foi utilizada como meio de uma tentativa de apresentar ao Governo Imperial

[1] Graduado em História pela Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: edsonjose355@gmail.com
[2] Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e atualmente é Professor Adjunto do curso de História da UPE. E-mail: bruno.camara@upe.br

que existia uma oposição ao sistema monárquico e, principalmente, ao imperador, neste caso, D. Pedro I (1822-1831).

Foi através dos jornais que vários debates políticos foram endossando a disputa entre monarquistas e republicanos, centralizadores e federalistas, absolutistas e constitucionais. Segundo Bruno Câmara, a imprensa pernambucana foi um "legítimo palco das lutas políticas no Império, estando vinculada às disputas políticas entre as facções e a mobilização da opinião pública" (CÂMARA, 2013, p. 151). A partir desta premissa, convém conhecermos de forma breve a história da imprensa em terras brasileiras e, sobretudo, da imprensa republicana no Brasil.

A partir do decreto real de 1808, que permitiu a edição e publicação de periódicos no Brasil, o número de panfletos cresceu de forma lenta até atingir a década de 1820. A partir desta década, começaram a surgir, cada vez mais, números e mais números de jornais de norte a sul do país em virtude de alguns temas centrais que precisavam ser colocados em prática, sendo um dos principais a independência do Brasil.

Ainda assim, a imprensa republicana demorou um pouco para surgir. Segundo Marcello Basile, "o surgimento da imprensa republicana no Brasil não coincide com a emergência de uma linguagem republicana com a organização do chamado movimento republicano" (BASILE, 2019, p. 156). Isso porque a "linguagem republicana", como veremos adiante, é muito antiga, compreendendo todas as manifestações nas formas de conspirações e revoluções nos séculos XVIII e XIX; e o movimento republicano seria implacável a partir de 1870, com o Manifesto Republicano. O estudo traçado aqui, das discussões sobre a ideia de república na imprensa, e, consequentemente, o surgimento de uma "imprensa republicana", inicia-se a partir do momento, de acordo com Basile, quando se realiza uma "apologia ou a defesa, sobretudo por meio de periódicos, da república como forma de governo eletivo e temporário" (BASILE, 2019, p. 156).

O presente trabalho tem como objetivo analisar o ideal republicano de Antonio Borges da Fonseca por meio de seus periódicos *Abelha Pernambucana* (1829-1830) e *O Republico* (1830-1831), sendo o primeiro publicado em Pernambuco e o segundo no Rio de Janeiro. Borges da Fonseca foi fundamental na construção do pensamento liberal e republicano, sendo, inclusive, o primeiro "jornalista" acusado pelo

crime de abuso de liberdade de imprensa. Apelidado de "O Republico", Borges da Fonseca marcou presença pelas críticas à monarquia, ao imperador e a todos aqueles que defendessem o sistema monárquico absolutista de D. Pedro I.

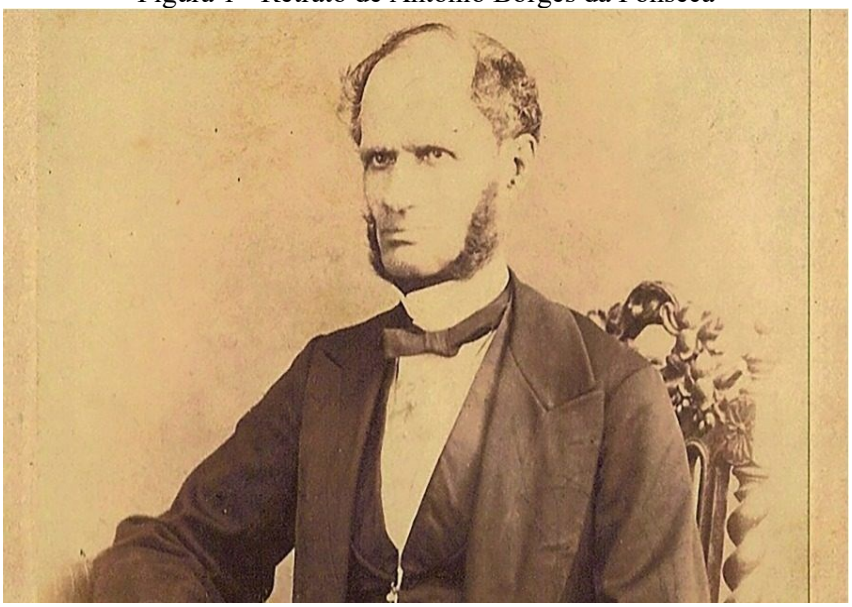
2 BORGES DA FONSECA: ÀS INFLUÊNCIAS POLÍTICAS E OS PRIMEIROS MANIFESTOS NO JORNAL *ABELHA PERNAMBUCANA*

O "espírito revolucionário" de Borges da Fonseca nasceu por uma grande influência do pai, José Vitoriano Borges da Fonseca, nada mais nada menos que um dos revolucionários do movimento pernambucano de 1817.[3] Borges da Fonseca nasceu em 1808 e, nos anos que correspondem à sua infância e adolescência, foi mantendo contato com inúmeros revolucionários de 1817 e 1824.[4]

Redator de aproximadamente 25 jornais, Borges da Fonseca revolucionou a imprensa brasileira do século XIX. O alto número de jornais pode ser explicado de uma maneira simples: muitos redatores brasileiros criavam um jornal para focar em apenas uma determinada causa e depois era tirado de circulação, daí porque o estranhamento ao, muitas vezes, jornais apresentarem poucos números. Desse total de 25 jornais, aproximadamente, o primeiro deles foi a *Gazeta Paraibana*. No Recife, o primeiro foi a *Abelha Pernambucana*. Mas, o que deu a maior notoriedade nacional para Borges da Fonseca foi o editado, primeiramente no Rio de Janeiro, chamado *O Republico*.

[3] José Vitoriano Borges da Fonseca foi responsável, por exemplo, pela adesão da província da Paraíba no movimento de 1817. Essa relação foi vista como positiva para os pernambucanos de 1817, tanto é que os revolucionários de 1824 convidaram novamente a Paraíba para fazer parte da Confederação do Equador.
[4] A respeito da Confederação do Equador, Borges da Fonseca mostra um orgulho enorme, ao se referir ao movimento, utilizando algumas frases como "[...] imortal DOIS DE JULHO". *Abelha Pernambucana*, n. 31, 07/08/1829.

Figura 1 - Retrato de Antônio Borges da Fonseca



Fonte: ALCOFORADO, Marcelo. Borges da Fonseca, um jornalista a serviço da liberdade. Disponível em: http://revista.algomais.com/cultura/borges-da-fonseca-um-jornalista-servico-da-liberdade. Acesso em: 18/01/2020.

Após um breve estudo do início da vida política de Borges da Fonseca, convém agora analisarmos suas discussões políticas no jornal *Abelha Pernambucana*. Para entender o contexto que está inserido o jornal torna-se necessário fazer um estudo em torno dele. Quais eram as circunstâncias das publicações, o público alvo, quem o rivalizava, quem concordava com as opiniões ali expressas, quem discordava. Tudo isso para fazer uma análise crítica a respeito dos folhetos que contribuíram, e muito, para a heterogeneidade das ideias políticas no campo jornalístico brasileiro.

A *Abelha Pernambucana* foi um jornal com "patrocínio" da sociedade *Jardineira*, uma sociedade secreta que Borges da Fonseca participou durante o seu começo de sua vida política (SANTOS, 1994, p. 36). Em seu primeiro número, datado de 24 de abril de 1829, Borges da Fonseca critica a falta de espaço de liberdade para quem deseja expressar opiniões contrárias às defendidas pelo imperador. Segundo o publicista:

> Os periódicos são no sistema Constitucional uma das primeiras necessidades dos povos na qual não se pode presidir sem graves inconveniências. *Uma folha periódica por muito má que ela seja, não é tão destituída de prestigio como o que querem inculcar os inimigos*

> *daquele sistema de governo*; e se esta questão não tivesse sido tantas vezes debatida por pessoas muito hábeis, nos apresentaríamos as razões que comprovam a nossa asserção. É, pois, inegável que quanto maior for o nº dos periódicos em uma província, tanto mais se divulgarão ideias úteis, e se consolidará a opinião pública [...] (*Abelha Pernambucana*, n. 01, 24/04/1829, grifo nosso).

Percebe-se, portanto, o quanto, na visão de Borges da Fonseca, esse "sistema de governo" perseguia os escritores públicos e redatores no geral que pregassem ideias não favoráveis ao sistema monárquico.[5] Prosseguindo, ainda na mesma edição, e caminho sobre essa temática, Borges da Fonseca faz uma alusão a um "Tribunal da Opinião Pública". Para explicar o que seria esse "tribunal", Morel e Barros nos auxiliam. Segundo os autores, quando era referenciado nos jornais o termo "Tribunal da Opinião Pública" seria pelo fato de que eles "não escondia[m] sua simpatia pelo regime republicano vigente nos países vizinhos do Brasil e que por isso teria curta duração por força da repressão monárquica" (MOREL; BARROS, 2003, p. 30).

Ao longo de 142 números, publicados às terças e sextas, Borges da Fonseca sempre enfatizou a importância de uma constituição para o país, de modo que ele caminhasse no ritmo para a prosperidade. Para ele, "a razão e a justiça são as bases de toda Constituição de um Estado" (*Abelha Pernambucana*, n. 15, 12/06/1829). Como apresentado anteriormente, a *Abelha Pernambucana* ganhou dois novos "rivais" ao longo de suas edições, tratando-se do *O Cruzeiro* e *Amigo do Povo*, esse último, por diversas vezes, sendo tratado por Borges da Fonseca, ironicamente, de "Inimigo do Povo". Com isso, é de se imaginar o quanto Borges da Fonseca criticava a Monarquia Absolutista, algo que estava se encaminhando para os rumos do governo de D. Pedro I. Tais comparações entre o modelo absolutista e o liberal, rendeu a Borges da Fonseca, em um de seus números, a comparação a Napoleão Bonaparte após os rumos da Revolução Francesa.

[5] Em muitas ocasiões, nesta época, ideias republicanas seriam vistas como algo semelhante à anarquia. Depor um Rei ou Imperador, um representante divino, como era repassado para explicar o porquê de eles terem o poder, eram situações que não eram bem vistas.

> Em verdade todo rei, ou chefe de poder, que se opuser às ideias liberais do século, ficará perdido mais dias, menos dias, e será derrubado e aniquilado como Bonaparte, que na sua catástrofe confessou a verdade: "Pequei contra as ideias liberais...". *As sociedades já estão cansadas de sofrer o infame governo absoluto*: quem não seguir o impulso da torrente das luzes, será aniquilado [...] O povo que for composto por cidadãos de vergonha, coragem e luzes, nunca admitirá o abominável governo absoluto, nem deixa sossegar qualquer déspota no gozo de sua tirania [...] (Abelha Pernambucana, n. 66, 08/12/1829, grifo nosso).

Uma das características adquiridas no governo absolutista sempre notada é o despotismo, que, para Borges, seria o pior mal do gênero humano. Uma das atribuições que o leitor percebe ao ler as edições do *Abelha Pernambucana* é o jogo político que Borges da Fonseca foi realizando, em determinados momentos atacando o sistema absolutista e, indiretamente, o governo de D. Pedro I e, por outras, ressaltando a importância do monarca. Foi no jornal *O Republico* que o redator aumentou severamente as críticas ao imperador.

No *Abelha Pernambucana*, Borges da Fonseca também foi alvo de muita polêmica. Na edição de 16 de junho de 1829, o redator resolveu dar espaço no seu jornal para relembrar grandes personagens da história pernambucana que lutaram por ideais que ele sempre batalhou, como liberdade de imprensa, ideias liberais e, até mesmo, a república.

> Quantas vezes não temos nós visto o perverso opressor da humanidade, um carrasco do gênero humano ser canonizado, e vilipendiado o cidadão virtuoso, e pobre? Aqui mesmo não temos inúmeros exemplos? Periódicos vendidos ao Partido não enchem de opróbrios o Incomparável, o Virtuoso BARATA? [...] O Imortal CANECA, que nela perdeu Pernambuco, e o Brasil todo um Herói, um sábio não têm sido menosprezados? O Virtuoso AGOSTINHO (digam suas virtudes os negociantes do Recife) não tem sido infamemente boquejado? (*Abelha Pernambucana*, n. 16, 16/06/1829).

Borges da Fonseca realizou uma medida ousada: exaltar nada mais nada menos que Cipriano Barata, Frei Caneca e Agostinho. O segundo, aliás, um claro desafeto do imperador. Não era estranho de se imaginar que alguém que fosse contra as ideias do

redator do *Abelha Pernambucana* fizesse algum tipo de denúncia. E aconteceu: mais uma vez, Borges da Fonseca foi indiciado no crime de abuso de liberdade de imprensa.[6]

Após o jornal *O Cruzeiro* lançar que os pernambucanos do século XVII eram iguais aos de hoje (entendam como pernambucanos do século XIX), Borges da Fonseca, mais uma vez, resolveu atacar e expor sua opinião de forma crítica. "O que têm os pernambucanos de agora a invejar dos do século 17?" (*Abelha Pernambucana*, n. 50, 01/10/1829), contra-atacava o jornalista, exaltando figuras do século XIX de Pernambuco como o padre João Ribeiro, participante da Revolução republicana de Pernambuco em 1817. Outro também lembrado é Agostinho. E, a respeito dele, Borges da Fonseca ponderava:

> [...] e nem diga o cruzeiro para menoscabar o Agostinho, que o comportamento submisso que no princípio da revolução teve o negro Cristóvão no Haiti [...] prova que ou inteiramente ignora a história da revolução de São Domingos ou é um perverso caluniador que desfigura os fatos para os envenenar (*Abelha Pernambucana*, n. 50, 01/10/1829).

Além de novamente fazer uma alusão e vanglória a Agostinho, um outro detalhe chama a atenção nessa passagem do *Abelha Pernambucana*: Borges da Fonseca cita a revolução de São Domingos, a famosa Revolução Haitiana. Essa mensagem nos traz alguns destaques e considerações a se fazer. O primeiro deles é o movimento do Haiti, por si só, ganhar as páginas de um jornal com uma popularidade considerável na província de Pernambuco.

O segundo destaque fica por conta de o leitor perceber o quão Borges da Fonseca era antenado com os acontecimentos que rolavam no Brasil e no exterior. Tal fato é que durante os dois anos de circulação deste jornal, sempre trouxe fatos que ocorriam em outras províncias brasileiras e em outros países. Em uma época em que a imprensa era, de uma certa forma, submissa ao império, redatores como Borges da

[6] Borges da Fonseca foi denunciado por Promotor de Júri ao Juiz de direito como aponta o próprio Borges na edição de número 28 de 28 de julho de 1829, ver: *Abelha Pernambucana*, n. 28, 28/07/1829. No entanto, 11 meses depois, Borges da Fonseca é absolvido. Para alguns detalhes no processo, o réu narra em um dos números, ver: *Abelha Pernambucana*, n. 126, 06/07/1830.

Fonseca conseguiam se sobressair e informar seus leitores de muitos fatos. Fato é que durante todo o tempo de atividade do *Abelha Pernambucana*, manifestações com tendências republicanas e exaltação a figuras participantes dos movimentos de 1817 e 1824 apareceram sempre expostas. Após encerrar o ciclo deste jornal, Borges da Fonseca foi para o Rio de Janeiro, onde fundou o impresso chamado *O Republico*.

3 A RIVALIDADE CONTRA UM IMPERADOR: MANIFESTAÇÕES NO JORNAL *O REPUBLICO*

Logo no seu primeiro número, *O Republico* nos traz alguns destaques que seriam encontrados nas edições seguintes. Primeiramente, Borges da Fonseca salientou que não usaria mais a "Filosofia de pronunciação". Essa foi uma mudança estratégica por parte do publicista. Não fazia mais sentido usar uma linguagem regionalista característica do "Norte" agora no Rio de Janeiro. Essa linguagem regionalista, por sinal, é uma caraterística do publicista paraibano herdado de Cipriano Barata.

O segundo fator identificado é a frase do filósofo Rousseau como uma espécie de epígrafe do jornal. Nela, o filósofo francês fala sobre a liberdade que pode ser conquistada. Mais uma estratégia de Borges da Fonseca. E, por fim, o redator explica o porquê do nome do jornal se chamar *O Republico*. De acordo com o publicista, seria porque o periódico estaria em busca do "bem comum" (*O Republico*, n. 1, 02/10/1830). Seria isso mesmo? Dificilmente. Borges da Fonseca foi um escritor público esperto e para quem já havia sido acusado, nos tribunais, do crime de liberdade de imprensa duas vezes, não iria admitir, certamente, que o tal nome do jornal seria para vangloriar ou pensar sobre a república, pelo menos naquele momento.

Em seus primeiros números, *O Republico* adotava uma postura em defesa das províncias do norte, sempre destacando como o governo do Rio de Janeiro às prejudicava ainda em referência pelos acontecimentos ocorridos na Confederação do Equador, em 1824, como uma espécie de "punição". De acordo com Borges da Fonseca, "se o governo quer que as províncias estejam unidas deve tratá-las bem, porque o governo não deve ignorar que o espírito nacional do Brasil é federativo [...]" (*O Republico*, n. 7, 23/10/1830). Se tratando dessa maneira de "punição", por assim dizer, Pernambuco era a

província mais prejudicada, já que era vista como a liderança do primeiro movimento que desafiou o poder do imperador D. Pedro I.

Em 1830, já se faziam sete anos da fechada da Assembleia Nacional Constituinte, em 1823. E isso, certamente, não passaria despercebido pelo redator paraibano. O evento que ocorreu no dia 12 de novembro de 1823 foi tema de discussão do jornal *O Republico* datado de 13 de novembro de 1830, portanto, sete anos e um dia que, para amantes do constitucionalismo da época, não era algo a ser comemorado.

> Ontem [...] completou-se o *sétimo* ano em que a prepotência, o despotismo, e a precipitação fez dissolver a SOBERANA ASSEMBLEIA CONSTITUINTE. Infausto dia para a Nação Brasileira! Nesse dia foi que a abriu a *boceta de Pandora*, que derramou e continua a derramar do Norte ao Sul, do Amazonas ao Prata, todos os males e desgraças que desde então nos tem oprimido (*O Republico*, n. 13, 13/11/1830, grifo do autor).

No decorrer, Borges da Fonseca ainda comentava sobre as atrocidades que o "governo da Boa Vista" cometeu contra os participantes de 1824. Também foi ponderado que a fechada da assembleia contribuiu para a perda da província da Cisplatina. A respeito deste último, o publicista argumentava que perder uma parte do território como aquela, era muito prejudicial e nada disso teria acontecido caso o Brasil aderisse às ideias federalistas, transformando as províncias independentes entre si, gerando autonomia para cada uma.

E é a respeito do federalismo que os debates no jornal *O Republico* começaram a ganhar grandes repercussões. De início, é de importância conhecer, na visão de Borges da Fonseca, o que seria a federação. Segundo o redator, "é um governo na qual muitos estados formam uma só nação, e onde cada um podendo cuidar de sua legislação, e do seu arranjo doméstico, tem, todavia, limites marcados pela Constituição Geral da Nação [...]" (*O Republico*, n. 22, 15/12/1830). A partir disso, é possível retirar dos números do jornal especificidades que tornaram Borges da Fonseca um escritor público diferenciado quando se trata de história política no Brasil do século XIX. Segundo Sílvia Fonseca, "ponderava Borges da Fonseca, para quem a iminência do fim da monarquia

tomava imperiosa a implementação do federalismo, visto aqui como o caminho para a república [...]" (FONSECA, 2016, p. 62).

O ano de 1831 foi um marco para *O Republico* e os acontecimentos que se desenrolaram em seguida. Ainda no ritmo da defesa da federação, *O Republico*, em seu primeiro número publicado em 1831, atribuía à questão geográfica mais um argumento para o Brasil aderir ao federalismo. Para Borges da Fonseca, "a federação é o sistema da natureza" (*O Republico*, n. 26, 01/01/1831). Além disso, argumentava que o espírito brasileiro deveria ser baseado no americano como um todo, de forma democrática (*O Republico*, n. 28, 08/01/1831). No dia 02 de abril de 1831, a poucos dias da abdicação do imperador D. Pedro I, Borges da Fonseca fazia mais um discurso em defesa da federação.

> Quais são os *federalistas*? São os brasileiros, cujo único voto é a Constituição, que nos rege, porém, modificada de um modo mais consciente com as exigências crescentes, ou com os interesses progressistas da nação. Que pretende os antifederalistas? Sustentar a lei da inercia, isto é, a continuação de todos os abusos, que tem atropelado o Brasil no caminho de sua prosperidade. [...] Quem são os membros do partido antifederalistas? 1º O governo; 2º os portugueses [...] com todos os absolutistas e moderados; 3º Os comodistas (*O Republico*, n. 52, 02/04/1831, grifo do autor).

O 07 de abril foi marcante para a história brasileira e a confirmação da força política dos periódicos de cunho liberal, não só os fluminenses, mas de todo o Brasil. Para muitos, seria uma "materialização da independência", já que agora, ou melhor, futuramente, por mais que se continuasse no regime monárquico, o Brasil seria governado por um monarca genuinamente brasileiro e não por um português.

Além disso, a "revolução de 07 de abril" serviria como uma espécie de revanche pelos acontecimentos do 12 de novembro de 1823. Ao passar dos dias, a notícia foi se espalhando por todo o território brasileiro. Ivan Santos Júnior aponta que em Pernambuco, mais precisamente no Recife, a notícia da abdicação chegou em maio de 1831, causando comemorações e tumultos. Segundo Santos Júnior, bandas marciais tomaram parte da cidade do Recife para os festejos (SANTOS JÚNIOR, 2019, p. 3).

A ideia de república e, principalmente, de liberdade (que, para as elites regionais, significava uma descentralização política), tomaram força após a abdicação. Borges da Fonseca voltava a enfatizar o modelo norte-americano para pedir por mudanças no Brasil.

> as províncias querem liberdade, cada uma delas quer ter os seus recursos em si mesmas [...]. Cada uma quer ter os seus empregos, e nomeados por seus eleitores desde presidente até o último [...]. Querem finalmente ter uma legislação propriamente sua acomodada à sua localidade, aos seus hábitos e costumes, e ao seu grau de ilustração. Não entender estas vistas da nação é querer levá-la à anarquia. Não é possível que se possa reger por iguais leis, povos em que tudo são diferentes: hábitos, costumes [...] (*O Repúblico*, n. 69, 26/05/1831).

Borges da Fonseca estava radicalizando ainda mais suas ideias, a ponto de propor que os países americanos deveriam formar uma "liga federal" (*O Repúblico*, n. 75, 07/06/1831), para que assim combatessem de frente com o velho modelo europeu. Essa dualidade entre o "modelo americano" e "modelo europeu" serviu, e muito, para propagar ideias republicanas. Outra característica também para driblar possíveis processos judiciais era transcrever matérias de outros jornais.

Em julho de 1831, Borges recebeu uma proposta para assumir um cargo na Paraíba, sua terra natal. Era uma medida estratégica, já que Borges da Fonseca, no Rio de Janeiro, estava ganhando, cada vez mais, muita força política. Mas, antes de partir, o redator fez mais um manifesto contra a monarquia: "[...] a realeza vai a ser aniquilada no mundo inteiro, e cada um vai entrar em seus deveres, isto é, cada geração vai legislar para si só [...]". Por fim, Borges da Fonseca acrescentava que com as mudanças que deveriam ser feitas, em muito breve, os brasileiros não teriam mais que invejar os Estados Unidos, pois seríamos "verdadeiros americanos". Argumentava também que os governantes brasileiros precisariam copiar Washington, na qual, "salvou a sua pátria e deu-lhe liberdade para sempre" (*O Republico*, n. 83, 07/07/1831).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado ao longo deste trabalho, Borges da Fonseca utilizou da imprensa como instrumento de propagação e difusão de suas ideias republicanas. Apesar da repressão sofrida e dos inúmeros processos contra o crime de liberdade de imprensa que lhe foi imputado e levado a julgamento, nunca se sentiu ameaçado a ponto de interromper suas manifestações.

No *Abelha Pernambucana* podemos destacar a ideia de utilizar uma linguagem mais facilitada, a "filosofia de pronunciação". Já no *O Republico*, procurou seguir a linguagem mais costumeira da região. Cumpre aqui também falar do quanto os rivais de Borges da Fonseca foram importantes, pois era com seus ataques que o publicista formulava ainda mais questões e posicionamentos em defesa do sistema republicano de governo para o Brasil.

Podemos dizer que sua participação nestes dois impressos contribuiu – e muito – para que outros publicistas também entrassem na defesa dessa causa. O papel de Borges da Fonseca na imprensa foi de muito valor, sempre sendo lembrado por historiadores quando o objetivo é traçar um panorama da imprensa brasileira. Por fim, analisando os pensamentos e discussões de Borges da Fonseca, foi possível presenciar como ideias políticas circulavam no Brasil e que nem mesmo com medidas repressivas por parte da monarquia, era possível silenciar vozes como a de Borges da Fonseca por completo.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

BASILE, Marcello. *Imprensa Republicana no Brasil [Século XIX]*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel (Orgs.). **Dicionário da república:** 51 textos críticos. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. **O "retalho" do comércio:** a política partidária, a comunidade portuguesa e a nacionalização do comércio a retalho, Pernambuco 1830-1870. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

FERRAZ, Socorro. **Liberais & Liberais:** Guerras civis em Pernambuco no século XIX. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.

FONSECA, Antônio Borges da. **Manifesto Político:** apontamentos de minha vida política e da vida política do Dr. Urbano Sabino Pessoa de Melo. Recife: Tipografia Comercial de G. H. de Mira, 1867.

FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. *O ideário republicano de Antonio Borges da Fonseca*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH - Associação Nacional de História**. São Paulo: ANPUH-SP, 2011;

_____. **A ideia de República no Império do Brasil:** Rio de Janeiro e Pernambuco (1824-1834). Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder:** o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

RICCI, Maria Lúcia de Souza Rangel. **A atuação política de um publicista:** Antônio Borges da Fonseca. Campinas: Pontifícia Universidade de Campinas, 1995.

SANTOS JÚNIOR, Ivan Soares dos. *Morte aos colunas: os motins de 1831 na província de Pernambuco*. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA SEO, 2018, Natal. **Anais III Seminário Internacional da SEO: Brasil no século XIX...** Niterói: SEO, 2019.

SANTOS, Mário Márcio de Almeida. **Um homem contra o Império:** Antônio Borges da Fonseca. João Pessoa: A União, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Dicionário da república:** 51 textos críticos. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

STARLING, Heloisa Murgel. **Ser Republicano no Brasil Colônia:** a história de uma tradição esquecida. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VIANNA, Hélio. **Contribuição à História da Imprensa Brasileira (1812-1869).** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

Acervo digital

Abelha Pernambucana (PE). In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx.

O Republico (RJ). In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx.